

Revista Appai

EDUCAR DIGITAL

Informação ao Profissional de Educação

ECA DIGITAL: a infância em disputa nas telas

Ano 29 - 187 - 2026 - CIRCULAÇÃO DIRIGIDA - DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Os desafios da cultura digital na formação de crianças e adolescentes, entre algoritmos, desinformação e o papel da escola

EXPEDIENTE

CONSELHO EDITORIAL

Julio Cesar da Costa
Ednaldo Carvalho Silva

JORNALISTA EDITORA

Antônia Lúcia Figueiredo
(M/T RJ-22685JP)

DESIGNER

Yasmin Gundim

REVISÃO

Sandro Gomes

COLABORAÇÃO

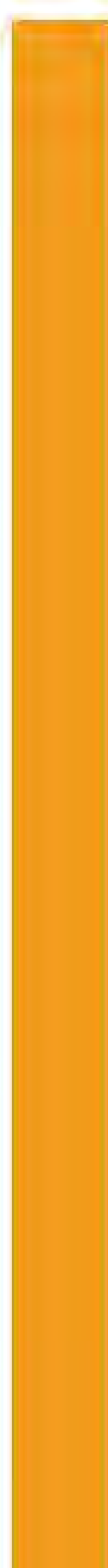
Luiz André Ferreira
Sandro Gomes

COLABORAÇÃO DE TEXTOS E PESQUISAS

Jessica Almeida

- 4** **SAÚDE**
EXPERIÊNCIA QUE TRANSFORMA A FORMAÇÃO
- 8** **EDUCAÇÃO FÍSICA**
MARÉ TOP TEAM
- 14** **MATÉRIA DE CAPA**
ECA DIGITAL: A INFÂNCIA EM DISPUTA NAS TELAS
- 30** **CONEXÃO EDUCAR**
O PODER PEDAGÓGICO QUE ESTÁ NO STREAMING
- 34** **40 EDUCADORES QUE TRANSFORMAM VIDAS**
HISTÓRIAS QUE SEGUEM TRANSFORMANDO
- 50** **INTERDISCIPLINARIDADE**
AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA
- 56** **INTERDISCIPLINARIDADE**
CIRANDA EM SALA DE AULA
- 62** **COLUNA SOCIOAMBIENTAL**
ESCOLA DE SAMBA
- 64** **LÍNGUA PORTUGUESA**
VÍRGULA ANTES DO "QUE"

SUMÁRIO



EXPERIÊNCIA QUE TRANSFORMA A FORMAÇÃO

SAÚDE

Estudantes vivenciam rotina de unidade de saúde e aprofundam compreensão do papel ético e técnico da profissão



A formação em Psicologia se fortalece quando teoria e prática caminham juntas. Com essa proposta, estudantes do 4º período de Psicologia da Universidade Castelo Branco (UCB) desenvolveram o projeto *A Dialética entre a Gestão do Cuidado e a Crítica Decolonial – Crepop: Referências Técnicas para Atuação do(a) Psicólogo(a) na Atenção Básica à Saúde, como parte da disciplina Estágio Básico em Psicologia e Saúde*, sob orientação do professor Pedro Victorino Carvalho de Souza. A iniciativa aproximou os alunos da realidade profissional e contribuiu para o fortalecimento da identidade do futuro psicólogo.

FORMAÇÃO E IDENTIDADE PROFISSIONAL

Entre os objetivos gerais do projeto esteve a articulação entre teoria e prática, preparando os estudantes para a inserção no mercado de trabalho e para a compreensão do papel ético, técnico e social da Psicologia. Como objetivos específicos, buscou-se estimular o contato direto com práticas supervisionadas, por meio de observação, entrevistas e análise de situações reais, além de desenvolver habilidades para lidar com a complexidade da dimensão psicológica em diferentes contextos.

VIVÊNCIA NA ATENÇÃO BÁSICA

A atividade de campo aconteceu na Clínica da Família Juscelino, em Mesquita/RJ. Durante a visita, os estudantes acompanharam a rotina de atendimento, conheceram a organização do serviço e observaram a dinâmica da equipe. O contato com os indicadores e com a estrutura da unidade permitiu compreender a importância do planejamento e da gestão para o funcionamento do atendimento em saúde.



Na ocasião, o grupo entrevistou o psicólogo Edgar dos Santos Barreto, graduado desde 2018 e com especializações em Terapia Cognitivo-Comportamental, Avaliação Neuropsicológica e Psicologia do Tráfego. Ele ressaltou que a Psicologia contribui para o acolhimento, a escuta qualificada e a humanização do atendimento, além de favorecer o diálogo interdisciplinar.

ATUAÇÃO PROFISSIONAL E APRENDIZADOS

O profissional explicou que sua prática envolve atendimentos breves, triagens e ações de psicoeducação com grupos e famílias, sempre em articulação com outros membros da equipe. Segundo ele, abordagens como a Terapia Cognitivo-Comportamental e técnicas de manejo do estresse podem auxiliar pacientes a compreender pensamentos e emoções relacionados ao processo de adoecimento, respeitando a singularidade de cada pessoa.

Após a visita, os estudantes refletiram sobre a experiência e analisaram como os conteúdos teóricos se conectam com a prática profissional. A culminância do projeto ocorreu com a apresentação oral para a turma, reunindo as etapas vivenciadas e os principais pontos da entrevista.

Para a aluna Fátima Helen de Souza Rodrigues, do 4º período da UCB – Polo Realengo, o contato direto com a equipe e com a comunidade reforçou a importância do cuidado integral e da escuta qualificada na atuação em saúde. Os resultados evidenciam a relevância do estágio como espaço formativo, promovendo a integração entre conhecimento acadêmico e prática profissional e fortalecendo o compromisso ético e técnico dos futuros psicólogos.

Universidade Castelo Branco – UCB

Av. Santa Cruz, 1.631 – Realengo – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21710-255

E-mail: pag@castelobranco.br

Direção: Marcelo Giossoni

Fotos cedidas pela professora Fátima Helen de Souza Rodrigues

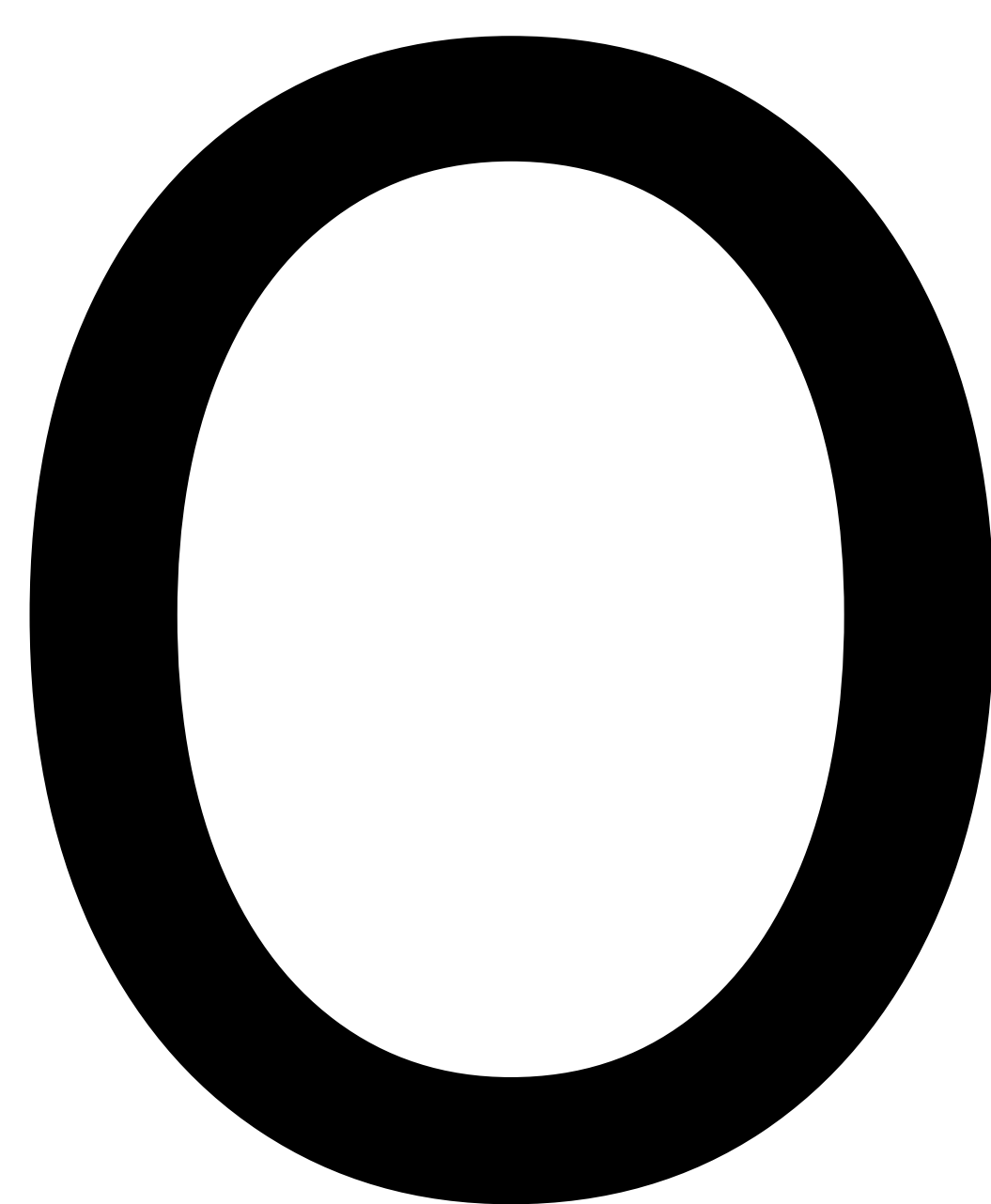
MARÉ TOP TEAM

EDUCAÇÃO FÍSICA

Projeto social oferece jiu-jítsu, atividades educativas e inclusão para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Saiba como funciona!



Foto por FG Trade via Getty Images



Maré Top Team
nasceu como um
projeto de lutas
e, ao longo dos
anos, consolidou-
-se como uma ins-
tituição social de

base comunitária, referência em inclusão, esporte e desenvolvimento humano no Rio de Janeiro. Localizada no bairro de Ramos, a iniciativa atende moradores da Maré e comunidades do entorno, promovendo oportunidades reais de transformação social. Idealizado e coordenado pelo professor Douglas de Oliveira Gentil, o projeto tem como missão utilizar o esporte, especialmente o jiu-jítsu, como ferramenta de educação, disciplina, cidadania e fortalecimento comunitário.



ARTES MARCIAIS E EDUCAÇÃO CAMINHAM JUNTAS

O foco principal do *Maré Top Team* está nas artes marciais e lutas, com destaque para o jiu-jítsu, além de modalidades como *wrestling*, luta livre e boxe. Com a ampliação do projeto, novas frentes educativas passaram a integrar as atividades, incluindo reforço escolar, aulas de inglês, xadrez e apoio psicológico, ampliando o impacto social da iniciativa. A proposta vai além do treino físico: o espaço funciona como um ambiente seguro, acolhedor e formativo, onde esporte e educação caminham juntos.

ATENDIMENTO COMUNITÁRIO PARA TODAS AS IDADES

O projeto atende crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, com turmas organizadas por faixa etária e nível de desenvolvimento. Muitas atividades são oferecidas de forma gratuita ou acessível, reforçando o compromisso com a inclusão social. Além dos alunos, o projeto também envolve famílias e moradores da comunidade, estimulando a participação como voluntários, apoiadores e colaboradores, fortalecendo os laços locais.

TRANSFORMANDO VIDAS ATRAVÉS DO ESPORTE

A iniciativa tem como objetivo transformar vidas por meio do esporte, promovendo inclusão social e oportunidades para todas as idades e formação de cidadãos com disciplina, respeito e autocontrole. Além do estímulo a hábitos saudáveis e vida ativa, criação de perspectivas de futuro pelo esporte e a educação, fortalecimento da autoestima de crianças e jovens em vulnerabilidade e a união da comunidade em um espaço seguro e acolhedor.





METODOLOGIA BASEADA NA EDUCAÇÃO FÍSICA E EM IN- CLUSÃO

O projeto aplica princípios da psicomotricidade, treinamento funcional, metodologia das lutas, condicionamento físico, atividade física para grupos especiais, pedagogia do esporte, avaliação física e sociologia do esporte, sempre com foco na inclusão e no desenvolvimento integral dos alunos. O *Maré Top Team* atende também pessoas com TEA, TDAH, idosos com hipertensão, alunos em reabilitação e gestantes, com atividades adaptadas e acompanhamento próximo.

CULMINÂNCIA CELEBRA CONQUISTAS E FORTALECE VÍNCULOS

A culminância do projeto reuniu alunos, famílias, professores e comunidade em uma grande celebração. O evento contou com demonstrações das turmas, entrega de certificados, faixas e medalhas, além de momentos de confraternização. Mais do que encerrar um ciclo, a culminância confirmou o impacto social, esportivo e humano do projeto, reforçando seu papel como referência comunitária.

REFERÊNCIA SOCIAL E ESPORTIVA NA MARÉ

O idealizador do projeto, Douglas Gentil, afirma que os resultados são concretos, com o reconhecimento externo e impacto direto na vida de centenas de pessoas. “O *Maré Top Team* se consolida como muito mais do que uma academia: é um projeto social que transforma realidades, fortalece a comunidade e mostra, na prática, que esporte e educação podem mudar destinos”, finaliza.

Mães e responsáveis relatam mudanças no comportamento, na autoestima e no rendimento escolar das crianças. “O *Maré Top Team* abriu para o meu filho um mundo totalmente novo. Hoje ele se sente querido, valorizado e com propósito”, relata Jéssica, mãe de aluno. Outro depoimento destaca a inclusão de crianças com TEA, TDAH e TOD, ressaltando o acolhimento, a disciplina aprendida e o impacto positivo na rotina familiar e escolar.

OSC Associação Maré Top Team

Rua Sargento Ferreira, 87 – Ramos
Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21031-770

E-mail: mareopteam@gmail.com

Professor responsável: Rafael
Cunha Moreira

Fotos cedidas pelo professor Rafael
Cunha Moreira

ECA DIGITAL: A INFÂNCIA EM DISPUTA NAS TELAS

MATÉRIA DE CAPA • POR ANTÔNIA FIGUEIREDO

Os desafios da cultura digital na formação de crianças e adolescentes, entre algoritmos, desinformação e o papel da escola



A cultura digital já não é uma tendência, é o ambiente onde a infância e a juventude acontecem. Telas, redes sociais e algoritmos atravessam a forma como crianças e adolescentes aprendem, se informam e constroem vínculos. Diante desse cenário, o debate sobre o uso consciente das tecnologias deixou de ser apenas uma orientação familiar ou pedagógica e passou a ocupar também o campo das políticas públicas.

A recente atualização do Estatuto da Criança e do Adolescente, sancionada em 17 de março e já chamada de “ECA Digital”, reforça esse movimento ao reconhecer, de forma mais explícita, os direitos e a proteção de crianças e adolescentes no ambiente on-line das múltiplas redes. A nova diretriz dialoga com preocupações que já vêm sendo destacadas por instituições de pesquisa, organizações da sociedade civil, familiares e veículos de comunicação, especialmente em temas como exposição excessiva, *cyberbullying*, privacidade e desinformação.

Um pacote tecnológico fermentado pelo apelo visual e sonoro, ornado pela diversidade de informações e aguçado pela falsa impressão de intimidade e legitimidade que aqueles que estão do outro lado da tela impõem de forma subliminar. Nos últimos anos, diferentes estudos e reportagens têm evidenciado um cenário que preocupa. O aumento do tempo de tela entre crianças, o crescimento de casos de violência digital e a influência cada vez mais intensa das redes sociais na formação de opinião dos jovens. Ao mesmo tempo, especialistas apontam que o desafio não está apenas no “quanto” se usa, mas no “como” e no “para quê”.

É nesse ponto que a escola se torna ainda mais estratégica. Mais do que restringir ou vigiar, educar para a cultura digital implica formar sujeitos capazes de compreender, questionar e fazer escolhas conscientes no ambiente on-line. É a partir dessa perspectiva, entre a urgência das novas regulamentações e os desafios cotidianos da sala de aula, que esta edição da Revista Appai Educar Digital propôs uma escuta qualificada de três especialistas sobre cultura digital, uso consciente das telas e formação cidadã.



CULTURA DIGITAL E APRENDIZAGEM

Na observação de Marcio Gonçalves, jornalista, educador e formador de professores em educação midiática, a grande transformação contemporânea não reside apenas no acesso à informação, mas na ruptura da linearidade do aprendizado. “Hoje, crianças e jovens aprendem em rede, de forma fragmentada, multimídia e multimodal. O desafio central é que estar conectado não significa, necessariamente, estar informado. Como educador, vejo que nossa missão é converter o consumo passivo em uma curadoria ativa de informações a serem criticadas. O conhecimento deixou de ser um elemento a ser estocado para se tornar algo a ser filtrado e aplicado com consciência”, garante Marcio.

Ao debater o tema, a psicopedagoga Juliana Santos afiança que a presença da cultura digital no cotidiano não apenas ampliou o acesso à informação, mas redefiniu, de forma silenciosa e profunda, a maneira como crianças e jovens se relacionam com o conhecimento. “Se antes aprender estava mais associado à mediação direta da escola, hoje esse processo acontece, muitas vezes, de forma simultânea, fragmentada e, nem sempre, orientada. O que, quase sempre, é no mínimo um sinal de alerta! A mudança brusca que atualmente vivemos em relação ao acesso de informações e a conhecimentos está mudando o comportamento e as maneiras de aprendizados de muitos alunos”, sinaliza.



Ainda segundo ela, esse novo cenário é impulsionado, sobretudo, pela facilidade de acesso. Dispositivos móveis, conectados em tempo integral, colocam o mundo “na palma da mão”, permitindo acompanhar acontecimentos em tempo real, interagir com pessoas de diferentes países e até superar barreiras linguísticas com o apoio de ferramentas de tradução. Por outro lado, o mesmo ambiente que amplia possibilidades também impõe desafios, evidenciando a falta de direção e orientação a esse mundo tão informado.

A partir dessa percepção, Juliana Santos identifica três perfis de estudantes no contexto digital. Há aqueles que utilizam a internet de forma focada, buscando aprofundar conhecimentos e alcançar objetivos de aprendizagem. Um segundo grupo consegue acessar conteúdos relevantes, mas enfrenta dificuldades para manter a concentração, desviando-se com notificações, redes sociais e vídeos curtos, muitas vezes sem perceber o tempo passar. E há ainda estudantes que, mesmo inseridos nesse universo, não dominam plenamente as ferramentas disponíveis, limitando suas possibilidades de aprendizagem.

“A questão chave é que, quando o aluno tem orientação e direcionamento para usar a internet, as ferramentas digitais a favor da vida dele, para ter bons estudos, para ampliar seus conhecimentos, enriquecer e aperfeiçoar o que ele já sabe, muda o jogo da aprendizagem”, assegura.

Em sua avaliação, a bacharel e mestre em Biologia pela Uerj e MBA Dom Cabral, Christine Lourenço, do Grupo Salta Educação, atesta que a cultura digital mudou profundamente a forma como os estudantes se relacionam com o conhecimento. “Hoje, crianças e jovens vivem em um ambiente de abundância de informação, em que o acesso é imediato, multimodal e muitas vezes mediado por plataformas digitais. Isso transforma o processo de aprendizagem: os estudantes chegam à escola já expostos a conteúdos, opiniões e narrativas diversas”, comenta.



Não obstante a rapidez, avalia Christine Lourenço, a quantidade e formatos das informações, há o fenômeno da “bolha do filtro”, quando algoritmos de plataformas digitais passam a mostrar para o usuário principalmente conteúdos semelhantes àquilo com que ele já interagiu anteriormente – curtidas, compartilhamentos, pesquisas ou tempo de visualização. “Com isso, a pessoa passa a receber repetidamente conteúdos que reforçam suas próprias opiniões ou interesses, enquanto visões diferentes aparecem cada vez menos”, frisa a educadora.

Ainda de acordo com Christine Lourenço, nesse contexto, o papel da escola deixa de ser apenas o de transmitir informação e passa a ser, cada vez mais, o de ajudar os alunos a organizar, interpretar e atribuir sentido ao que encontram. “Aprender passa a envolver habilidades como selecionar fontes confiáveis, comparar perspectivas, desenvolver pensamento crítico e transformar informação em conhecimento. A cultura digital também amplia as possibilidades pedagógicas, permitindo experiências de aprendizagem mais interativas, colaborativas e personalizadas, quando bem integradas ao projeto pedagógico.



Foto por skynesher via GettyImages

USO CONSCIENTE DAS TELAS

Se o debate sobre o uso de telas ganhou espaço nos últimos anos, ele também amadureceu. Aos poucos, famílias e escolas começam a perceber que a questão não se resume ao tempo de exposição, mas à qualidade das experiências vividas no ambiente digital. Nesse cenário, o papel da escola deixa de ser apenas o de limitar e passa a ser o de orientar. Cada vez mais, mas ainda em uma escala longe da ideal, ouvimos pais e responsáveis colocando limite no tempo de uso, sobretudo para as crianças e adolescentes. Contudo, essa ação isolada fica fragilizada quando não vem acompanhada de movimentos que orientem os usuários acerca da qualidade e confiabilidade das informações.

A mestre Christine Lourenço destaca que o debate sobre o tempo de tela é importante, mas ele precisa ser qualificado. Mais do que apenas medir quantas horas os estudantes passam diante de dispositivos, é fundamental discutir como essas telas estão sendo utilizadas. “Uma vez que iniciamos o movimento sobre a quantidade de tempo de uso da tela, precisamos começar a nos movimentar enquanto sociedade para como esse uso é feito. O problema não está na tela em si. Quando bem utilizada ela pode, e deve, ser uma aliada poderosa às escolas e famílias no tocante ao desenvolvimento das crianças e adolescentes. Entretanto, o uso inadequado, sem supervisão e sem intencionalidade é extremamente prejudicial para o desenvolvimento cerebral e social das nossas crianças e adolescentes”, adverte.

No âmbito pedagógico, Juliana Santos também observa que esse caminho passa, antes de tudo, por ampliar repertórios. “Apresentando ferramentas e plataformas digitais nas quais eles podem realizar trabalhos, conhecer atividades, projetos e premiações que outros estudantes já alcançaram para modelar, se inspirar e até mesmo ter novas ideias para implementar os seus”, pontua. Nesse sentido, a escola pode atuar como ponte entre o estudante e oportunidades que muitas vezes passam despercebidas. “Divulgar concursos, olimpíadas de conhecimentos que ocorrem em todo o Brasil”, sugere, destacando o potencial dessas iniciativas como estímulo ao protagonismo juvenil.

A escola pode contribuir muito ao ensinar o uso intencional da tecnologia, defende Christine Lourenço. “Isso envolve desenvolver nos estudantes a capacidade de alternar entre momentos de concentração profunda e outros de interação digital, compreender os impactos das plataformas sobre atenção e comportamento e refletir sobre hábitos saudáveis de uso. Também é importante mostrar que a tecnologia pode ser uma ferramenta potente de aprendizagem quando utilizada com propósito para pesquisa, produção de conteúdo, colaboração ou resolução de problemas”, ressalta.

Ao comentar o assunto, o professor Marcio Gonçalves explica que a escola deve deslocar o debate da “quantidade de horas” para a qualidade e a intencionalidade do acesso. “O equilíbrio nasce do entendimento da diferença entre o consumo passivo e a criação autoral. Uma estratégia que eu defendo com entusiasmo é o uso de atividades desplugadas, aquelas realizadas sem a necessidade de internet ou dispositivos, para ensinar conceitos digitais. Essa abordagem demonstra ao estudante que a lógica da tecnologia reside no pensamento crítico e na resolução de problemas, e não meramente no suporte físico”, analisa.

Todavia, mais do que acesso, trata-se de ativar motivações: “O uso crítico de Inteligência Artificial constitui uma ferramenta interessante para personalização de estudos de alunos mais velhos; o uso de gamificação para o estudo de matemática e português, por exemplo, é um outro exemplo interessante para os menores. O objetivo não é demonizar as telas, mas formar jovens capazes de fazer escolhas conscientes sobre quando, como e para quê utilizá-las”, avalia Christine Lourenço.

De acordo com Juliana Santos, há um desejo genuíno de participação e transformação, muitas vezes “adormecido” por falta de incentivo ou direcionamento. “Nesse processo, o espaço de escuta também se torna fundamental. Realizar rodas de conversas e deixar eles mesmo divulgarem suas vontades e ideias, para que sejam vistos e ouvidos. Os alunos apresentam essa grande necessidade emocional”. O que fica claro é que a construção de uma relação mais consciente com as telas, portanto, passa não apenas pelo uso, mas pelo sentido e intencionalidade que se atribui a esse elemento cada vez mais presente e potente.



Foto por Deagrez via GettyImages

DESINFORMAÇÃO E *FAKE NEWS*

A circulação de notícias falsas e conteúdos manipulados tornou-se um desafio para a sociedade. De que forma a desinformação também impacta o cotidiano escolar e como a escola pode preparar os estudantes para reconhecer e questionar esse tipo de conteúdo? Ao responderem essa pergunta, os especialistas são unânimes em afirmar que, em um ambiente digital cada vez mais sofisticado, identificar o que é real tem se tornado um desafio crescente, inclusive para os mais atentos. No cotidiano escolar, essa dificuldade se traduz em dúvidas, interpretações equivocadas e, muitas vezes, na reprodução de conteúdo sem verificação.

“A desinformação corrói a confiança nas instituições, e a escola não está imune a isso. Preparar o estudante exige ir além da simples distinção entre verdade e mentira; trata-se de institucionalizar a leitura lateral. Precisamos estimular os alunos a questionar: Quem criou este conteúdo? Qual a sua intenção? Onde mais isso foi publicado? O combate à desinformação no ambiente escolar é, acima de tudo, um exercício de paciência cognitiva e de verificação de fatos integrada ao cotidiano”, alerta o professor Marcio Gonçalves.

“Parece que, de maneira irônica, vamos precisar atuar como detetives na internet para decifrarmos o que ainda é real, e isso só se aprende com o ser humano e não com a IA, que pode mentir, omitir, confundir e até alucinar distorcendo as informações. Em resumo, é treinar o olhar, a interpretação e a lógica que está passando no vídeo, e isso o ser humano consciente, que sabe o que quer, o que fazer da vida, consegue muito bem diferenciar. Por isso que sempre ressalto a importância de usarmos as ferramentas digitais de maneira consciente, com foco e direcionamento para o bem maior das nossas vidas, pois quem muito se distrai com as telas, na internet, ten-

de a modelar o seu ver, o seu comportamento e as suas interpretações perante o que se acostuma a ver, ouvir, comentar, jogar e postar na internet”, pontua Juliana Santos.

“A desinformação já faz parte do cotidiano escolar. Estudantes chegam à sala de aula influenciados por conteúdos que circulam nas redes sociais, muitas vezes sem critérios claros de verificação. Isso pode impactar discussões sobre ciência, história, política e até mesmo temas do dia a dia escolar. Por isso, a escola precisa assumir um papel ativo na formação do pensamento crítico. Ensinar os alunos a questionar fontes, identificar manipulações, com-



Foto por Marcela Barse via GettyImages

preender como funcionam os algoritmos das plataformas e perceber como emoções e vieses podem influenciar a circulação de conteúdos”, reconhece Christine Lourenço.

Ainda sob a sua ótica, Christine Lourenço diz que mais do que apenas alertar sobre *fake news*, a escola deve desenvolver o que chamamos de letramento informacional e midiático: “a capacidade de analisar informações, verificar evidências e construir argumentos fundamentados. Essa é uma competência essencial para a cidadania no século XXI. Existem diversas formas pelas quais os projetos pedagógicos das escolas conseguem se apoiar no tema, como trabalhos interdisciplinares, temas de redação, eventos, experiências investigativas, inserção nos planejamentos de aula de diversas disciplinas”, orienta.

O PAPEL DO PROFESSOR E DA ESCOLA

Se os desafios da cultura digital se ampliam, cresce também a pressão sobre professores e escolas, que muitas vezes se veem diante de demandas para as quais não foram preparados. Temas como algoritmos, redes sociais e comportamento digital passam a fazer parte da rotina escolar, ainda que nem sempre acompanhados de formação adequada. “É natural que muitos professores se sintam desafiados por temas como algoritmos, redes sociais e cultura digital, porque são fenômenos que evoluem muito rapidamente, enfatiza Christine Lourenço. Para ela, fortalecer a formação docente é fundamental. “Um caminho importante é integrar esses temas à formação continuada dos educadores, não apenas do ponto de vista tecnológico, mas principalmente pedagógico”.

Christine também projeta em sua fala que o foco deve estar em como trabalhar pensamento crítico, análise de informações e ética digital dentro das diferentes disciplinas. “Se durante o planejamento da aula o professor conseguir fazer o *link* com o conteúdo a ser abordado na aula ao longo das diferentes disciplinas e do ano letivo, certamente

as habilidades desenvolvidas serão mais significativas se a escola opta por inserir palestras pontuais para os alunos que em geral são pouco eficazes”, revela.

Além disso, campanhas instituídas pelo colégio que tragam números, estudos, exemplos concretos e, acima de tudo, participação e construção ativa dos estudantes e professores também costumam ser bons caminhos para a consolidação do pensamento acerca do tema. “Também é importante que as escolas criem espaços de troca entre professores para compartilhar experiências, práticas e estratégias. Quando a cultura digital passa a fazer parte do projeto pedagógico da escola como um todo, os educadores deixam de lidar com o tema de forma isolada e passam a construir respostas coletivas”, afirma Christine Lourenço.

Na opinião de Marcio Gonçalves, o caminho para o fortalecimento docente é uma formação continuada que transcenda o tecnicismo do “apertar botões”. Segundo ele, o foco deve estar no letramento midiático crítico e na competência crítica em informação. “O professor não precisa ser um especialista em todos os novos aplicativos, mas sim um mediador que compreenda a lógica dos algoritmos e a economia da atenção. Fortalecer redes de troca entre pares e integrar a cultura digital ao currículo de forma orgânica é o que traz segurança pedagógica para o trabalho em sala de aula”, declara.



Foto por miniserries via Gettyimages

Neste mesmo viés, Juliana Santos salienta que a escola e professores necessitam urgentemente de treinamentos com especialistas experientados e capacitados para direcionar as informações certas para que todo o corpo escolar possa combater, instruir e determinar o melhor uso de tecnologias na vida dos alunos. “E isso não é uma tarefa tão simples, pois muitos profissionais da educação se encontram passando por diversos desafios que vêm a cada ano atrapalhando a performance do seu trabalho e afetando sua saúde mental, de modo que en-

sinar os alunos a usar a internet com maestria e empregá-la bem já se tornou mais uma tarefa com que o professor irá precisar arcar dentro da sala de aula. Então, mais do que justo receber treinamentos, formações e direcionamentos para atuar no enfrentamento dos impactos que as redes sociais, os algoritmos e a cultura digital vêm impondo, de forma drástica, no comportamento e no aprendizado dos alunos, o que vem ocorrendo de uma maneira muito cruel”, aponta.

CULTURA DIGITAL E FORMAÇÃO CIDADÃ

Pensando no futuro, qual deve ser o papel da escola na formação de estudantes capazes de utilizar as tecnologias digitais de maneira ética, crítica e responsável, contribuindo para uma sociedade mais informada e democrática? Dentro desse contexto vê-se que, ao projetar o futuro, a discussão sobre cultura digital ultrapassa o campo das ferramentas e alcança o sentido mais amplo da educação: a formação de cidadãos.

Mas qual seria a escola ideal? Para Juliana Santos seria uma instituição capaz de causar um alto impacto no Brasil, formando cidadãos que contribuam para um mundo melhor. “Perguntas essenciais seriam constantemente aplicadas para orientar os alunos a agir com consciência e excelência no mundo digital, como: ‘Como posso utilizar essa ferramenta para melhorar meus estudos e meu aprendizado?’; ‘Como posso transformar minha ideia em um projeto inovador que ajude outras pessoas?’; ‘Qual é a minha intenção ao acessar essa informação?’; ‘O que vou publicar respeita o código de ética ou pode prejudicar outras pessoas?’; ‘Essas atitudes estão alinhadas ao uso consciente das tecnologias digitais?’; ‘Qual é a fonte confiável dessa informação?’”.

Por fim, a escola do futuro será aquela que honra seu grande legado: formar cidadãos capazes de aprimorar continuamente seus conhecimentos, expandir sua forma de pensar e desenvolver uma criatividade genuinamente humana, aquela que toca emoções e se diferencia da inteligência artificial. “Será uma escola que forma pessoas empáticas, responsáveis, com equilíbrio emocional e mais participativas em suas próprias vidas, conscientes de sua existência e do seu papel no mundo”, vislumbra Juliana.

A professora Christine Lourenço também defende o papel da escola como uma instituição formadora, preparada para apresentar cidadãos capazes de participar de forma responsável da sociedade, inclusive no ambiente digital. “Isso significa preparar estudantes que saibam usar a tecnologia para aprender, criar, colaborar e se expressar, mas também que compreendam os impactos sociais das plataformas digitais, os riscos da desinformação e a importância da responsabilidade ao produzir e compartilhar conteúdo”. Ainda para ela, mais do que ensinar ferramentas, a escola precisa desenvolver valores e competências: pensamento crítico, empatia, responsabilidade e ética no uso da informação. “Quando a educação consegue integrar esses elementos, ela contribui para formar jovens que não são apenas consumidores de tecnologia, mas usuários conscientes e protagonistas na construção de uma sociedade mais informada e democrática”, realça Christine Lourenço.

ORIENTAR O USO É O NOVO DESAFIO DA EDUCAÇÃO

A ampliação do uso das tecnologias digitais no cotidiano de crianças e adolescentes impõe novos desafios para a educação. Mais do que limitar o acesso, escolas e famílias são chamadas a orientar o uso das ferramentas digitais, com foco na formação crítica e no desenvolvimento de competências que permitam lidar com informação, interação e produção de conteúdo.

Nesse contexto, o papel da escola se amplia, acompanhando as transformações da sociedade e contribuindo para a formação de estudantes capazes de atuar de forma consciente no ambiente digital. Porque, no fim, não se trata apenas de estar conectado, mas de saber, com consciência, o que fazer com aquilo que nos conecta.

Fontes:

Juliana Santos é palestrante, professora e escritora, formada em pedagogia e psicopedagogia (Uerj). Orienta soluções reais para os desafios da Educação na era digital.

Marcio Gonçalves é jornalista, educador e formador de professores em Educação Midiática.

Christine Lourenço é Bacharel e Mestre em Biologia pela Uerj e MBA pela Dom Cabral. Atualmente é diretora pedagógica do Grupo Salta.

O PODER PEDAGÓGICO QUE ESTÁ NO *STREAMING*

CONEXÃO EDUCAR

Histórias que emocionam, provocam e dialogam com temas atuais podem se tornar grandes aliadas do seu planejamento. Confira as sugestões do mês!



Na edição de maio, a editoria [Conexão Educar](#) convida você a olhar para filmes com intencionalidade pedagógica. Mais do que entretenimento, essas narrativas podem ampliar repertórios, estimular o pensamento crítico e aproximar o currículo da realidade dos estudantes. A proposta é transformar o ato de assistir em ponto de partida para debates, reflexões e conexões significativas. Porque, quando há mediação e propósito, boas histórias se tornam experiências de aprendizagem ainda mais potentes. Confira as indicações de maio e inspire-se para transformar boas histórias em experiências pedagógicas ainda melhores.

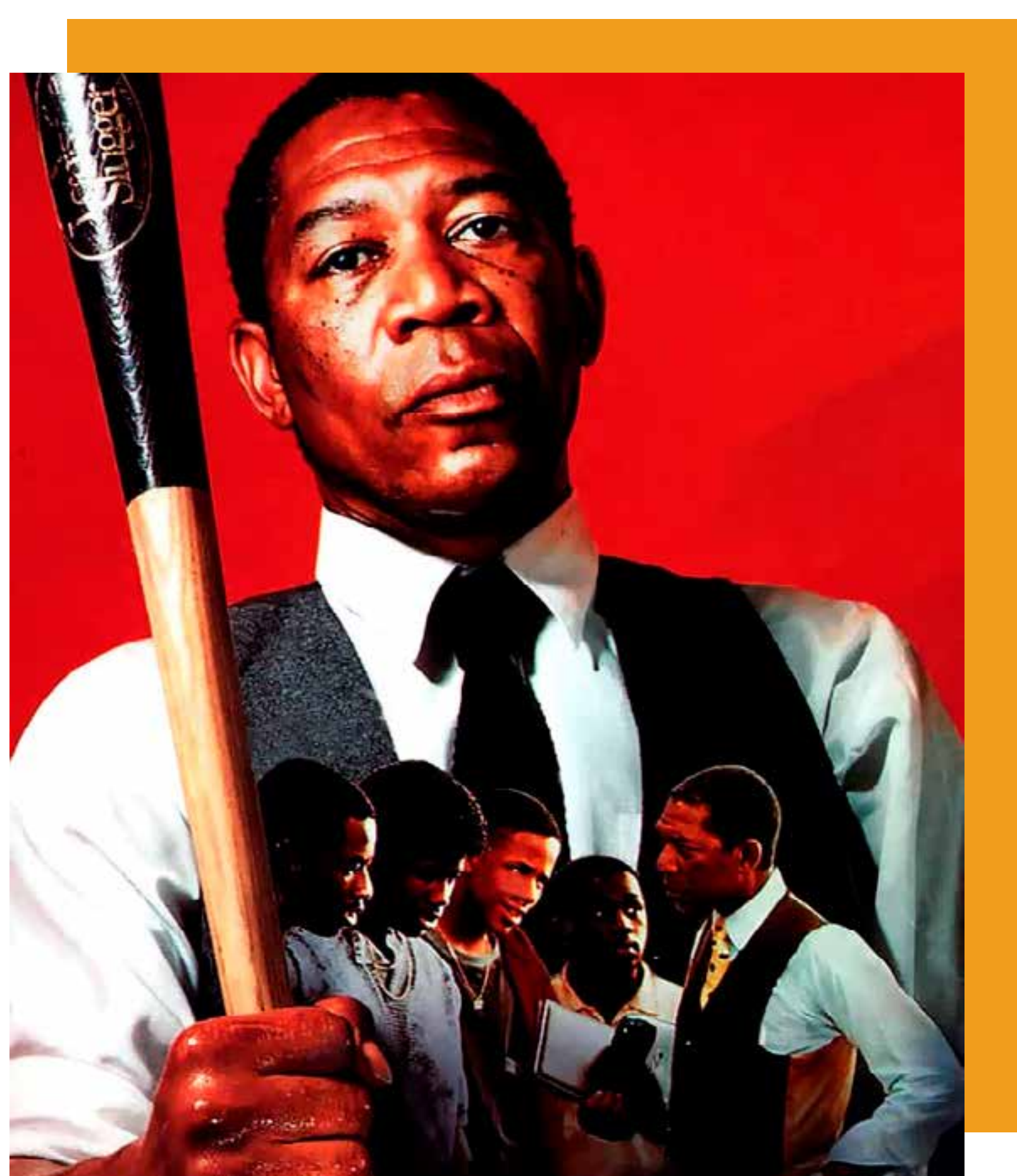


Imagem de divulgação oficial via TMDb.

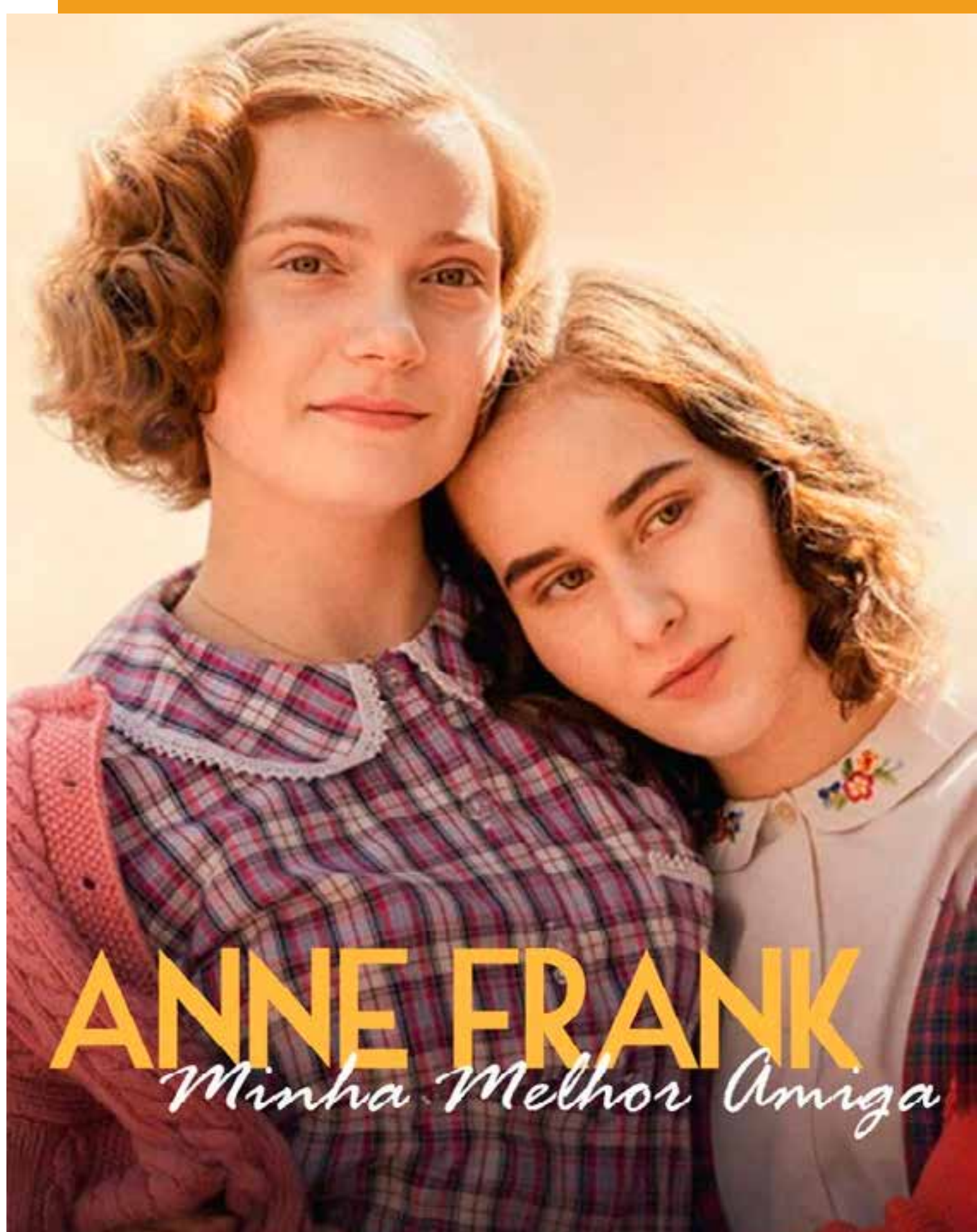
Meu mestre, minha vida (filme): narra a transformação de alunos desmotivados que, graças à ação de um professor, passam a acreditar em seu potencial. Um clássico que reforça a importância da educação para mudar realidades, aborda temas como superação, desigualdade social e empatia. O conteúdo pode ser trabalhado em sociologia, filosofia e língua portuguesa.



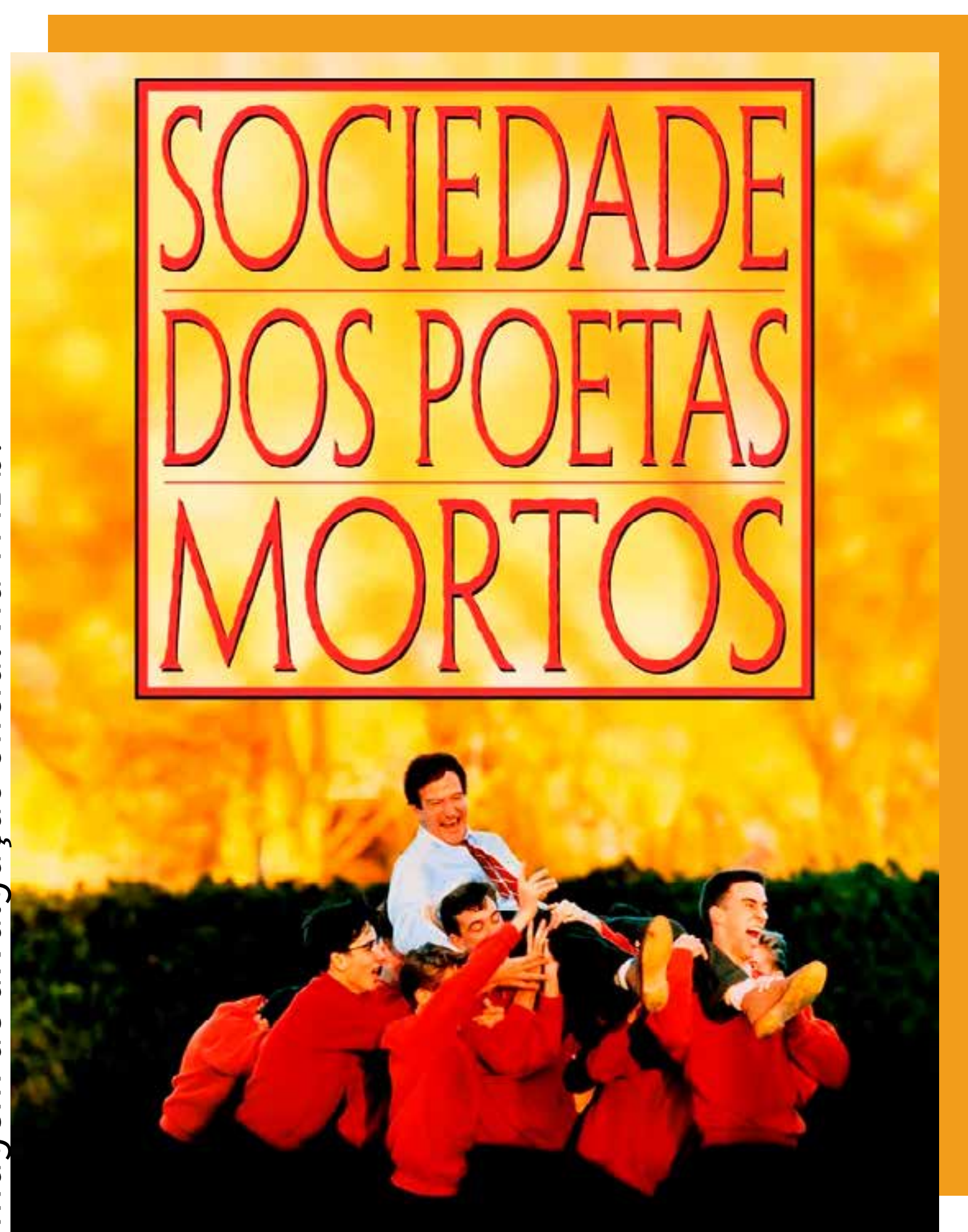
Mulan - Live Action (filme): uma jovem destemida arrisca tudo pelo amor à sua família e ao seu país, tornando-se uma das maiores guerreiras da história da China. O filme é uma excelente forma de introduzir a história e as tradições do país desde a Antiguidade, destacando temas como coragem, lealdade e o impacto das mulheres na sociedade. O conteúdo pode ser trabalhado em história e temas transversais.



Não olhe para cima (filme): dois astrônomos descobrem um cometa mortal vindo em direção à Terra e partem em um *tour* midiático para alertar a humanidade. Só que ninguém parece dar muita bola. Trata de mudanças climáticas, incentivando debates sobre responsabilidade coletiva. O conteúdo pode ser trabalhado em geografia e ciências.



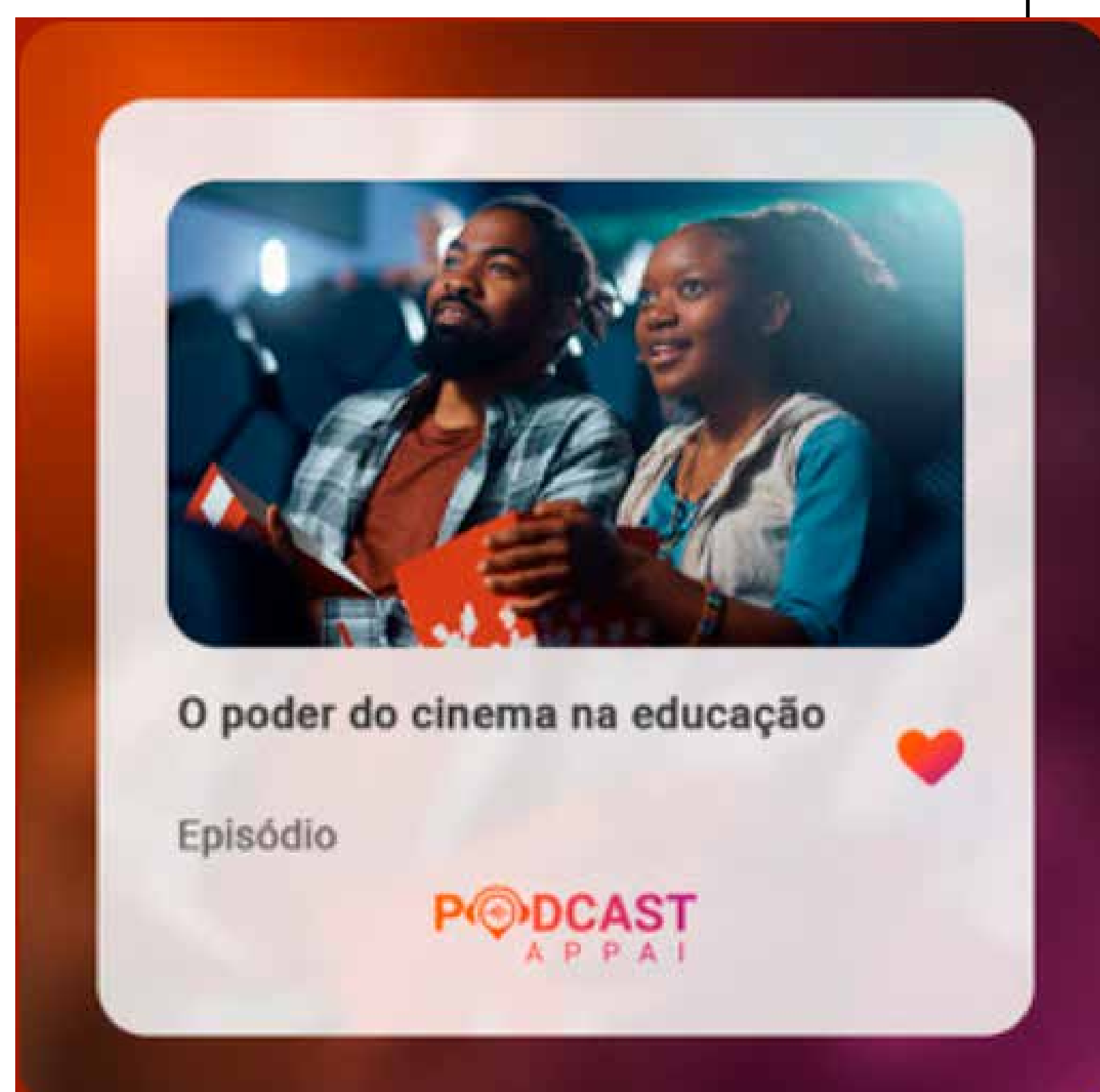
Minha amiga Anne Frank (filme): a história real da amizade entre Anne Frank e Hanneli Goslar, contextualizando temas como guerra e empatia. Da Amsterdã ocupada pelos nazistas ao campo de concentração, o amor de Hanneli Goslar pela melhor amiga é sua maior forma de resistência. O conteúdo pode ser trabalhado em história e ética.



Sociedade dos poetas mortos (filme): a trama gira em torno de um ex-aluno que se torna o professor de literatura. Decidido a inovar, ele choca os alunos com seus métodos não ortodoxos. A obra é uma oportunidade de os jovens refletirem sobre a importância de cultivar a autenticidade e de equilibrar expectativas externas e internas. O conteúdo pode ser trabalhado em literatura, filosofia e sociologia.

Importante: as indicações são voltadas para turmas dos ensinos Fundamental II e Médio. Não deixe de observar a classificação indicativa de cada produção.

OUÇA TAMBÉM O PODCAST “O PODER DO CINEMA NA EDUCAÇÃO”



Neste episódio, além de sugestões de filmes, especialistas contextualizam e evidenciam por que o audiovisual é uma ferramenta tão poderosa para o aprendizado. Aperte o *play* e seja uma inspiração em suas aulas!

Para ouvir em outras plataformas de *streaming*, [acesse aqui](#).

CURTIU, PROFESSOR?

Se você tem alguma dica que adoraria ver aqui, não deixe de enviar pra gente pelo e-mail redacao@appai.org.br. Vamos adorar compartilhar as suas sugestões!

Foto: Envato | Prostock-studio

Fontes: Consultoria de Paulo Rogério Rodrigues de Souza (Escola Bilíngue Aubrick), Juliana Nico (Escola Internacional de Alphaville) e Aline Souza (Brazilian International School).

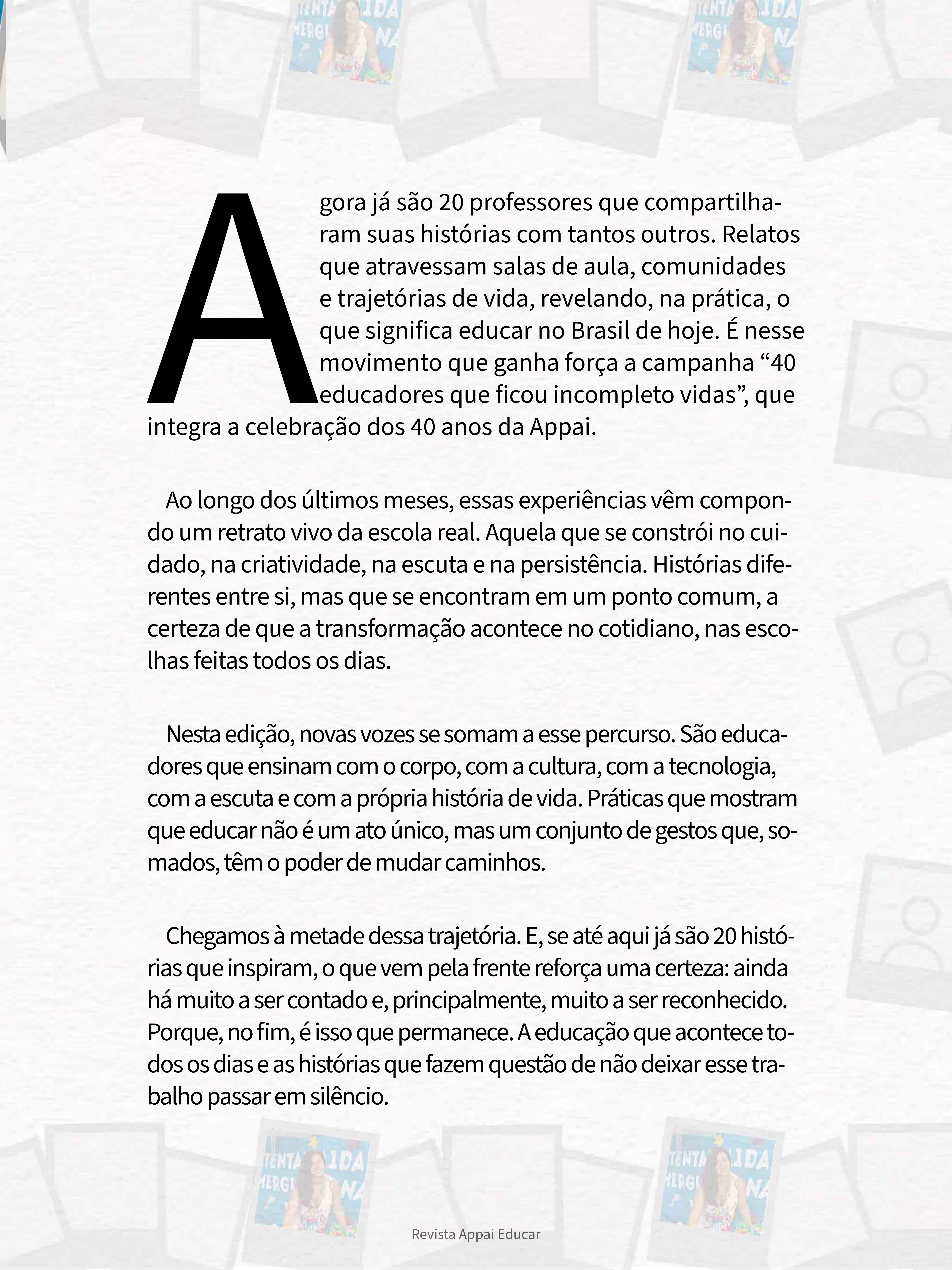


HISTÓRIAS QUE SEGUEM TRANSFORMANDO

ESPECIAL - “40 EDUCADORES QUE TRANSFORMAM VIDAS” • *POR ANTÔNIA FIGUEIREDO*

*Relatos de educadores que mostram onde a
educação realmente acontece*



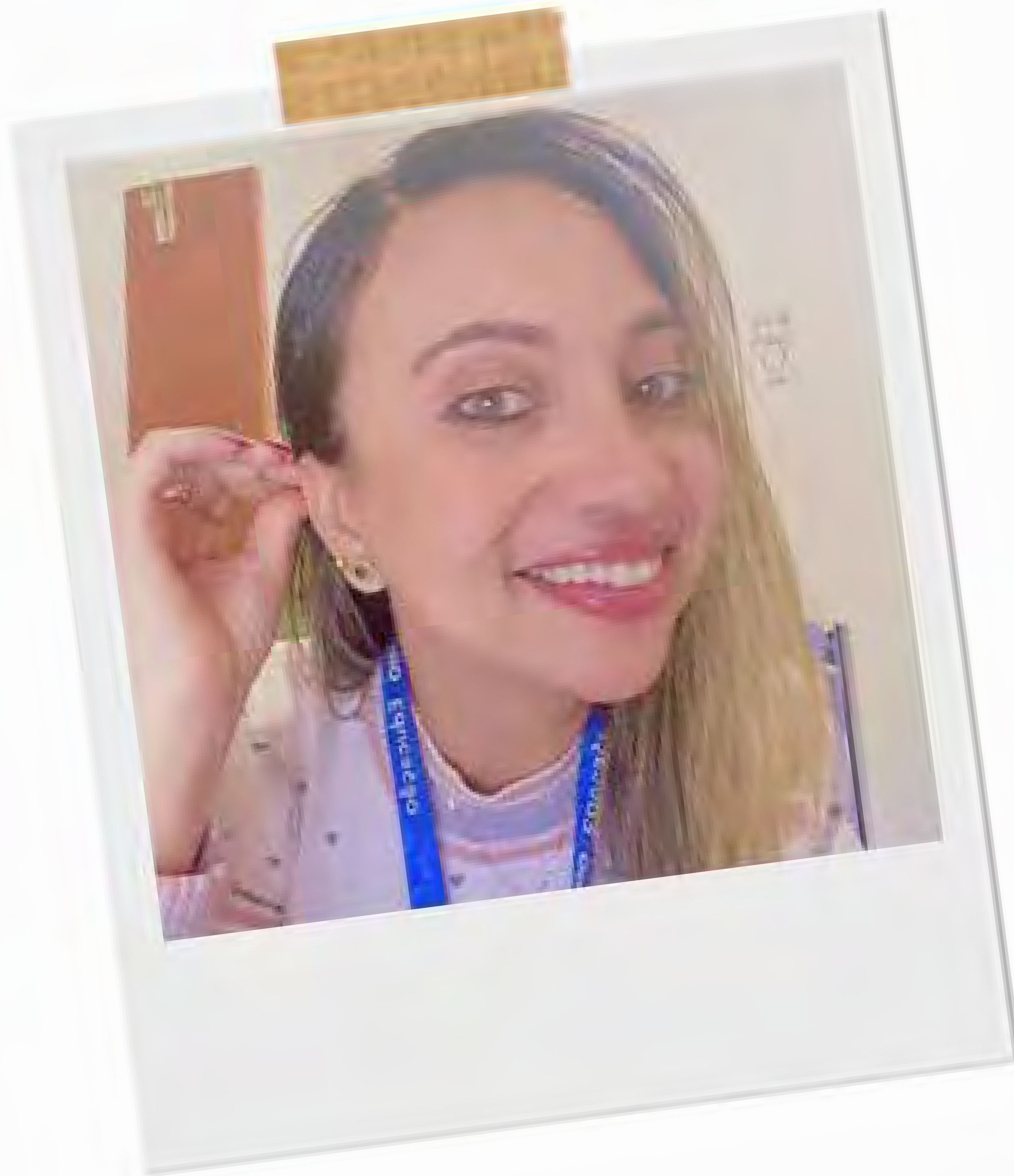


Agora já são 20 professores que compartilharam suas histórias com tantos outros. Relatos que atravessam salas de aula, comunidades e trajetórias de vida, revelando, na prática, o que significa educar no Brasil de hoje. É nesse movimento que ganha força a campanha “40 educadores que ficou incompleto vidas”, que integra a celebração dos 40 anos da Appai.

Ao longo dos últimos meses, essas experiências vêm compondo um retrato vivo da escola real. Aquela que se constrói no cuidado, na criatividade, na escuta e na persistência. Histórias diferentes entre si, mas que se encontram em um ponto comum, a certeza de que a transformação acontece no cotidiano, nas escolhas feitas todos os dias.

Nesta edição, novas vozes se somam a esse percurso. São educadores que ensinam com o corpo, com a cultura, com a tecnologia, com a escuta e com a própria história de vida. Práticas que mostram que educar não é um ato único, mas um conjunto de gestos que, somados, têm o poder de mudar caminhos.

Chegamos à metade dessa trajetória. E, se até aqui já são 20 histórias que inspiram, o que vem pela frente reforça uma certeza: ainda há muito a ser contado e, principalmente, muito a ser reconhecido. Porque, no fim, é isso que permanece. A educação que acontece todos os dias e as histórias que fazem questão de não deixar esse trabalho passar em silêncio.



QUANDO A ESCOLA ATRAVESSA AS PAREDES

A professora que fez do olhar atento e da escuta uma forma de ensinar

Estefanie Medeiros é professora e teve parte de sua trajetória marcada por um cenário pouco comum para muitos educadores: o atendimento pedagógico domiciliar, especialmente junto a estudantes com deficiência múltipla. Um espaço onde a educação acontece longe do barulho dos corredores e da rotina tradicional da sala de aula. “Houve um tempo em que a escola não tinha paredes. Ela acontecia em salas silenciosas, em quartos com luz suave, em casas onde o tempo seguia outro ritmo”.

Foi nesse ambiente íntimo que o trabalho pedagógico ganhou outro significado. Ensinar deixou de ser apenas transmitir conhecimento e passou a exigir presença, sensibilidade e espera. “Ali, ensinar nunca foi apenas ensinar. Foi aprender a estar, a esperar e a reconhecer o valor do quase imperceptível”.

Cada encontro começava pelo cuidado. Antes do planejamento vinha a escuta; antes da atividade, o olhar atento. Muitas vezes, a aprendizagem não se manifestava em palavras, mas em pequenos gestos, expressões breves ou respostas corporais.

Nesse processo, a Comunicação Alternativa e Aumentativa tornou-se ferramenta essencial. Símbolos, imagens, objetos e gestos passaram a dar forma ao que o corpo queria comunicar, desejos, recusas, escolhas e emoções.

PLANEJAR TAMBÉM EXIGIA OUTRO RITMO

“O planejamento pedagógico precisou ser tecido com delicadeza. Cada proposta respeitou limites, acolheu

pausas e compreendeu o cansaço como parte do processo”. Houve dias em que ensinar significou apenas estar presente. Sentar ao lado, respirar junto, sustentar o vínculo. E, muitas vezes, foi nesse silêncio que surgiram as maiores conquistas: um olhar mais atento, uma escolha apontada, uma resposta intencional.

No diálogo com as famílias, o aprendizado se ampliou ainda mais. A parceria permitiu que a comunicação alternativa ultrapassasse o atendimento e chegasse ao cotidiano, fortalecendo as possibilidades de interação e pertencimento. “Aprendi que educar é um gesto coletivo”.

Para Estefanie, a experiência no atendimento domiciliar revelou outra dimensão da Educação Especial. “Nem todo aprendizado precisa ser medido, mas todo aprendizado precisa ser reconhecido. Educar, muitas vezes, é oferecer presença, dar voz ao silêncio e dignidade ao tempo de cada um”. E assim, entre gestos sutis e conquistas silenciosas, a escola continuou existindo, viva, humana e profundamente necessária.



TECNOLOGIA QUE ABRE CAMINHOS

O professor que fez da educação técnica um ponto de partida para o futuro

O professor Geraldo Bergamo construiu sua trajetória na educação técnica, área à qual dedica grande parte da vida profissional. Formado professor de eletrônica em 1989, no Rio de Janeiro, encontrou no ensino uma forma de unir conhecimento, prática e formação humana.

“Em 1989 formei-me docente de eletrônica pela Fabes, no Rio de Janeiro. Desde então, minha vida tem sido dedicada à educação na área técnica”.

Ao longo da carreira, atuou principalmente em colégios técnicos particulares, sempre incentivando os alunos a transformar ideias em soluções concretas. A participação em feiras científicas e tecnológicas tornou-se parte importante desse processo.

“Participei com vários alunos de feiras técnicas nacionais e internacionais, como a Febrace, na USP, e a Isef, nos Estados Unidos”.

Nesses espaços, projetos desenvolvidos pelos estudantes ganharam visibilidade. Entre eles estavam um cortador de grama automático, um carro à prova de motoristas alcoolizados e um veículo que só funciona quando o cinto de segurança é colocado.

Mais do que as invenções, porém, o que mais marcou sua trajetória foi acompanhar o caminho seguido por aqueles jovens. “Hoje tenho a informação de que um deles é oficial do Corpo de Bombeiros do Rio de Janeiro. Outros se tornaram empresários bem-sucedidos”.

Mesmo aposentado, Geraldo não se afastou completamente da sala de aula. Ainda compartilha sua experiência com novos estudantes, ministrando algumas aulas no Senai. Ao olhar para a própria história, ele reconhece que a educação foi também o caminho que estruturou sua vida.

“Agradeço a Deus e aos meus pais por terem me direcionado para essa profissão, com a qual construí minha família”.

Hoje vê com orgulho os filhos seguindo seus próprios caminhos. Um servidor público em Brasília e outro advogado no Paraná. Para ele, a docência sempre foi mais do que uma profissão. Foi uma forma de ajudar jovens a descobrirem que o conhecimento também pode abrir caminhos para o futuro.



MOVIMENTO QUE TRANSFORMA

A professora que fez da educação física um exercício de confiança e superação

Eliana Lauro é professora de Educação Física e escolheu a profissão acreditando que o movimento pode transformar vidas. Ao iniciar sua trajetória, não imaginava que esse caminho mudaria tanto a sua própria história quanto a de muitos alunos. “No começo, pensava que ensinar era apenas passar exercícios, mas logo entendi que meu verdadeiro trabalho era ajudar as pessoas a acreditarem nelas mesmas”.

Ao longo da carreira, trabalhou com diferentes públicos: crianças, adolescentes, jovens e também pessoas com necessidades especiais. Cada turma trouxe desafios e aprendizados. “Vi alunos inseguros ganharem confiança, outros tímidos se tornarem mais fortes e pessoas que achavam que não conseguiam se movimentar descobrirem que eram capazes”.

Para Eliana, a aula de Educação Física vai muito além da prática corporal. É também um espaço de formação humana. “Em cada aula procuro mostrar que o movimento é mais do que força física. Ele é cuidado, respeito e amor-próprio. Não ensino apenas a executar exercícios, mas a persistir, a levantar quando cair e a não desistir de si mesmo”.

Com o tempo, o envolvimento dos alunos chamou a atenção de colegas de profissão, que passaram a perguntar qual era o segredo daquele engajamento. A resposta dela sempre foi simples. “Eu ensino com o coração. Acredito que o educador físico é um agente de transformação social, alguém que pode mudar destinos pelo exemplo”.

Hoje, diz sentir orgulho ao ver alunos mais confiantes e colegas inspirados a seguir pelo mesmo caminho. Para ela, a missão do educador ultrapassa os limites da quadra. “Meu propósito é inspirar pessoas a se movimentarem, não apenas com o corpo, mas com coragem para viver melhor. E enquanto eu puder ensinar, continuarei espalhando essa mensagem: todos são capazes, basta alguém acreditar primeiro”.



EDUCAR É CUIDAR DA VIDA

O educador que fez do território e da ancestralidade pilares da educação

Fausto Madeira construiu sua trajetória como educador popular a partir de uma compreensão que nasce fora dos limites tradicionais da escola. Em seu trabalho junto à Obra Social Filhos da Razão e Justiça (OSFRJ), a educação se apresenta como prática integrada, onde cultura, alimentação, cuidado e conhecimento caminham juntos. “Educar, em muitos territórios, é um ato que começa antes da sala de aula. Começa no cuidado, no acolhimento e na garantia do básico para que a aprendizagem seja possível”.

Foi nesse contexto que sua atuação ganhou forma, sempre em diálogo com o território e com as necessidades reais da comunidade. A OSFRJ se organiza como uma iniciativa coletiva que entende a formação humana de maneira ampla. “Uma iniciativa comunitária que integra educação, cultura, alimentação e saúde como dimensões inseparáveis da formação humana”.

A partir de uma perspectiva afrocentrada, as práticas desenvolvidas valorizam a ancestralidade africana, o pertencimento territorial e a construção coletiva do conhecimento. “A educação acontece na partilha do alimento, nas rodas de conversa, na dança, na leitura, na escuta atenta e no fortalecimento dos vínculos comunitários”.

Mais do que uma metodologia, trata-se de uma escolha construída no cotidiano. Em um território marcado por desigualdades históricas, o trabalho também se volta à mitigação da fome e à ampliação do acesso à cultura. “Não há aprendizagem possível quando direitos básicos são negados”.

Cada ação educativa se torna, assim, um gesto de cuidado e resistência, capaz de reafirmar identidades, ampliar horizontes e fortalecer trajetórias. “A educação se conecta à cultura, à dignidade e ao cuidado coletivo, e transforma não apenas conteúdos, mas histórias, caminhos e futuros”.

A experiência reafirma que educar, nesses contextos, é compromisso com a vida em sua totalidade e que, quando o território é reconhecido como espaço de saber, a educação ganha sentido e potência.

O DIA EM QUE O MAR SE ABRIU

O professor que levou seus alunos a enxergar novos horizontes

Gutemberg Coelho é docente de Geografia há mais de 20 anos e carrega na trajetória experiências diversas dentro da escola pública. Mas foi um projeto em especial que marcou profundamente sua prática docente e sua relação com os alunos. “Como professor de Geografia há mais de 20 anos, já vivenciei muitas coisas, mas o projeto *Jovens do Mar* mexeu de verdade comigo”.

A proposta nasceu com um objetivo simples e, ao mesmo tempo, potente. Ampliar o olhar dos estudantes para além do território onde vivem. Gutemberg levou alunos da comunidade de Rio das Pedras, do Caic Euclides da Cunha, para uma experiência pouco comum em suas rotinas. “A ideia era simples: aulas de vela para mostrar que o mundo é maior que o nosso bairro”.

O destino foi a praia de Maria Gorda, em Ramos. No início, o cenário era de estranhamento. O mar, para muitos, ainda era um espaço desconhecido. “No começo, os alunos ficaram um tanto perdidos, mas começaram logo pegando o jeito do esporte, depois de algumas horas nas águas”.



Entre tentativas, desequilíbrios e descobertas, a experiência foi ganhando outro significado. Houve sustos, um aluno quase caiu na água, outro quase virou o barco, mas também teve risos, superação e conquista. “No fim todos estavam rindo e se divertindo bastante”.

O que parecia apenas uma atividade diferente se transformou em um marco coletivo. “E todos gritaram bem alto juntos: ‘isso é o melhor dia de nossas vidas’”. Para o professor, a vivência revelou algo maior do que o próprio projeto. Mostrou o impacto que experiências significativas podem ter na formação dos alunos.

“Esse tipo de vivência não é algo corriqueiro e mostrou que, com esforço e trabalho em conjunto, podemos ir muito longe”. E, para vários desses estudantes, o horizonte deixou de ser limite e passou a ser possibilidade. “Para alguns, o mar pode ser o caminho a ser percorrido”.



SONHO QUE RESISTE

A professora que fez da maternidade força para educar com sensibilidade

Ingrid Lopes de Azevedo sempre soube que queria ser professora. O desejo não surgiu como algo passageiro, mas como uma certeza que atravessou diferentes fases da vida, inclusive as mais desafiadoras. “Sempre sonhei em estar em sala de aula. Não foi algo efêmero, mas uma certeza que me acompanhou mesmo quando a vida me levou por caminhos difíceis”.

A maternidade chegou cedo e trouxe consigo novas responsabilidades. Mãe de quatro filhos, Ingrid precisou conciliar o cuidado com a família e a persistência no sonho de seguir na educação. “Tornei-me mãe de quatro filhos e, junto com a maternidade, vieram o cansaço, as responsabilidades e as dúvidas sobre se conseguiria seguir adiante”.

Houve momentos em que estudar parecia impossível. A rotina requeria mais do que organização, exigia resistência. “Estudei com filhos no colo, entre tarefas domésticas, noites curtas e dias longos. Ainda assim, não desisti”.

Cada desafio enfrentado reforçou sua convicção no poder transformador da educação. E foi essa vivência que passou a orientar sua prática pedagógica. “Minha experiência como mãe me tornou uma educadora mais sensível, atenta e humana”.

Na Educação Infantil e no trabalho com inclusão, Ingrid encontrou um espaço onde sua trajetória pessoal se conecta diretamente com o fazer pedagógico. O olhar atento para cada criança passou a ser parte central do seu trabalho. “Aprendi que cada um tem seu tempo, sua história e sua forma única de aprender”.

Hoje, ao entrar em sala de aula, ela leva consigo mais do que formação acadêmica. Leva experiência de vida, empatia e escuta. “Educo com acolhimento, com presença e com respeito à história de cada aluno”. Para Ingrid, sua própria trajetória é também uma mensagem. “Minha história é a prova de que a maternidade não interrompe sonhos, ela os fortalece”.

E é com essa convicção que segue ensinando todos os dias. “Persistir também educa. E ensinar, para mim, é um ato diário de amor, resistência e esperança”.



PEQUENAS MÃOS, GRANDES DESCOBERTAS

A professora que levou a robótica à Educação Infantil com protagonismo e inovação

Isabela Souza partiu de uma convicção clara. A transformação pela educação começa na primeira infância. Foi com esse olhar que, em 2024, decidiu dar um passo além do cotidiano da sala de aula e inscrever a Creche Municipal Vereador Gilberto Perez de Oliveira em um projeto de alcance internacional. “Movida pela convicção de que a educação transforma vidas desde a primeira infância, inscrevi a creche no Edital First Lego League, na categoria Discovery”.



Mais do que trabalhar conceitos, o projeto abriu espaço para que as crianças experimentassem, criassem e se reconhecessem como protagonistas do próprio aprendizado. O momento de culminância aconteceu dentro da própria escola, reunindo famílias, professores e representantes da rede municipal. “As crianças participaram de um último desafio e receberam certificados e medalhas, valorizando o protagonismo infantil e o esforço coletivo”.

A iniciativa, promovida pelo Instituto Positivo, selecionou a escola como uma das vencedoras. No ano seguinte, o projeto ganhou vida com crianças entre 3 e 6 anos, em uma proposta que unia brincadeira, investigação e aprendizagem. “Em 2025, tivemos a alegria de colocar o projeto em prática com nossas crianças”.

Com o recebimento dos kits Lego Education, as atividades passaram a integrar a Temporada Discovery, alinhada ao tema Submerged. Tudo foi pensado respeitando o tempo da infância, a curiosidade e o aprender fazendo. “Planejamos ações com foco na aprendizagem significativa, no trabalho em equipe, na criatividade e no desenvolvimento das competências Steam”.

A experiência ultrapassou os muros da creche. O trabalho foi convidado a integrar a Feira de Ciências de Queimados, ampliando o alcance da iniciativa e inspirando outros educadores. “Fomos convidados a apresentar o projeto para toda a rede de ensino”.

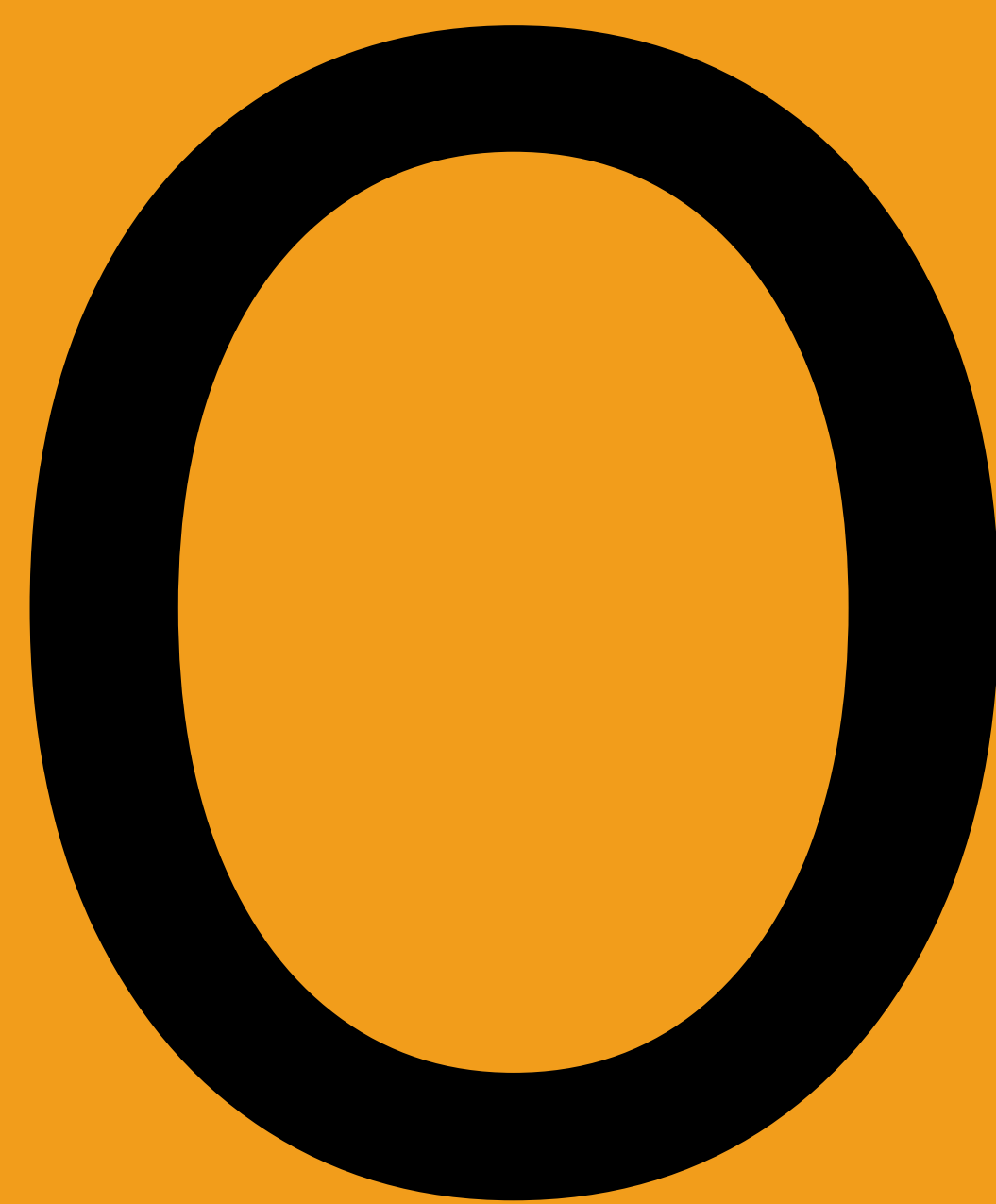
Para Isabela, a trajetória reafirma uma escolha pedagógica. “Essa experiência reforça meu compromisso com uma educação pública inovadora, inclusiva e transformadora, capaz de inspirar vidas desde os primeiros anos”.

AMPLIAÇÃO DA CONSCIÊNCIA HISTÓRICA

INTERDISCIPLINARIDADE • POR ANTÔNIA FIGUEIREDO

Projeto valoriza culturas afro-brasileiras e indígenas e fortalece a identidade da comunidade escolar





Colégio João Paulo I, localizado em Bangu, Zona Oeste do Rio de Janeiro, vivenciou entre suas turmas do 9º ano do Fundamen-

tal II ao 1º do Ensino Médio, a promoção do conhecimento, a valorização e o respeito às histórias, culturas e saberes dos povos formadores do Brasil, através do projeto *Vozes ancestrais: histórias e culturas afro-brasileira e indígenas*.

Idealizadora do projeto e diretora pedagógica, Maria de Fátima Apolinário da Silva explica que o objetivo do projeto reforça a construção identitária e a identidade do estudante brasileiro, fortalecendo a consciência histórica, a diversidade cultural e o combate ao preconceito. “Trata do reconhecimento, valorização e estudo dos saberes, memórias, tradições e lutas dos povos afro-brasileiro e indígenas, que são a base da formação cultural do Brasil”, destaca.

Realizado de forma interdisciplinar, o projeto consistiu numa feira pedagógica que transitou entre as disciplinas de Português, História, Geografia, Matemática, Filosofia, Sociologia, Química, Artes, Redação, Educação Física, Inglês e de cursos técnicos como Administração, Informática e Enfermagem. A proposta foi envolver todos os professores em um diálogo com a temática em suas práticas.

QUANDO O APRENDIZADO GANHA SENTIDO COLETIVO

Assim, a iniciativa se consolidou como uma experiência conjunta de aprendizagem, conectando saberes e dando visibilidade a vozes historicamente silenciadas, ao mesmo tempo em que contribuiu para a formação de estudantes mais conscientes da diversidade que constitui a identidade brasileira.

De acordo com a equipe pedagógica, o alcance da experiência foi muito além da sala de aula. Houve identificação com as raízes da cultura brasileira, desenvolvimento do respeito à diversidade e de uma postura antirracista, além da ampliação da consciência histórica.

Para garantir o aprofundamento dos conteúdos, os temas foram organizados por turma, respeitando as especificidades de cada etapa. No 9º ano, os estudantes mergulharam em discussões sobre colonização e escravidão, relacionando esses processos históricos às desigualdades e ao racismo ainda presentes na sociedade. A partir dessas reflexões, produziram painéis e textos críticos, exercitando não apenas o conhecimento, mas também o posicionamento.



DA HISTÓRIA ÀS MÚLTIPLAS LINGUAGENS

O percurso formativo incluiu ainda a valorização das expressões culturais brasileiras por meio da dança e do movimento, com pesquisas sobre manifestações como capoeira, maracatu e toré, aliadas a vivências corporais. Em diálogo com a tradição oral, os alunos exploraram lendas, mitos e contos afro-brasileiros e indígenas, transformando essas narrativas em produções autorais que evidenciam a força da memória e da ancestralidade.

As linguagens artísticas também ganharam espaço com estudos sobre estética e simbolismo, inspirando releituras visuais a partir de referências de artistas negros e indígenas. Já no campo histórico e geográfico, os estudantes investigaram territórios de resistência, como quilombos e aldeias, construindo mapas e linhas do tempo que evidenciam trajetórias de luta e organização social.

A relação com a cultura se ampliou ainda para o cotidiano, com pesquisas sobre a culinária de origem afro-indígena e a produção de receitas comentadas, conectando saberes tradicionais à prática escolar.





OLHAR PARA O PRESENTE E PROJETAR O FUTURO

No 1º ano do Ensino Médio, as discussões avançaram para temas contemporâneos, como o empreendedorismo negro, o racismo estrutural no mercado de trabalho, a representatividade na mídia e na tecnologia, além do protagonismo de mulheres negras em diferentes áreas. Os estudantes também abordaram a gestão de projetos culturais, os direitos humanos e a organização de comunidades quilombolas, ampliando o olhar para os desafios e potências do presente.

A culminância do projeto reuniu a comunidade escolar em um momento de partilha e reconhecimento. Os alunos apresentaram seus trabalhos com clareza e segurança, demonstrando domínio dos conteúdos e envolvimento com as propostas. Famílias, professores e colaboradores participaram ativamente, transformando o espaço escolar em um ambiente vivo de troca de saberes e experiências.

FORTALECENDO VÍNCULOS COM A COMUNIDADE

Os resultados se refletiram no engajamento dos estudantes e no estreitamento de laços com a comunidade. A repercussão positiva consolidou a proposta como parte do projeto pedagógico da escola, reafirmando a importância de iniciativas que dialogam com a identidade, a história e a diversidade do país.

“Implementar esse tipo de projeto dentro da escola, que tem papel fundamental no desenvolvimento sociocultural do aluno, é extremamente necessário. Possibilita o acesso a conhecimentos que compõem a nossa formação como brasileiros, permitindo o resgate identitário e o combate ao preconceito dentro e fora do espaço escolar”, destacou a professora Elisa Maria.

Para o professor José Vicente, a experiência também evidenciou o poder mobilizador da escola. “Conseguimos proporcionar uma grande movimentação na instituição, com alunos, pais e familiares participando ativamente. Os estudantes se sentiram à vontade para apresentar, de forma lúdica, tudo o que aprenderam. O espaço escolar se tornou um grande centro de aprendizagem para todos”, concluiu.

Colégio João Paulo I

Av. Ministro Ari Franco, 598 e 608 –
Bangu – Rio de Janeiro/RJ

CEP: 21862-005

Direção Pedagógica: Maria de Fátima Apolinário da Silva

Fotos enviadas pelo professor João Belarmino Neto

CIRANDA EM SALA DE AULA

INTERDISCIPLINARIDADE

Trabalho interdisciplinar promove pertencimento, diversidade e valorização da ciranda como herança cultural brasileira



A sala de aula se transformou em roda, palco e território de memória. Ao som da ciranda, estudantes do 5º ano descobriram

que cultura não é passado distante, é identidade viva e pertencimento. O projeto *Lia de Itamaracá e a preservação de um elemento cultural Imaterial: a Ciranda* colocou no centro do processo educativo a trajetória de Lia de Itamaracá, reconhecida como Patrimônio Vivo de Pernambuco, e apresentou aos alunos a importância de preservar o Patrimônio Cultural Imaterial brasileiro.

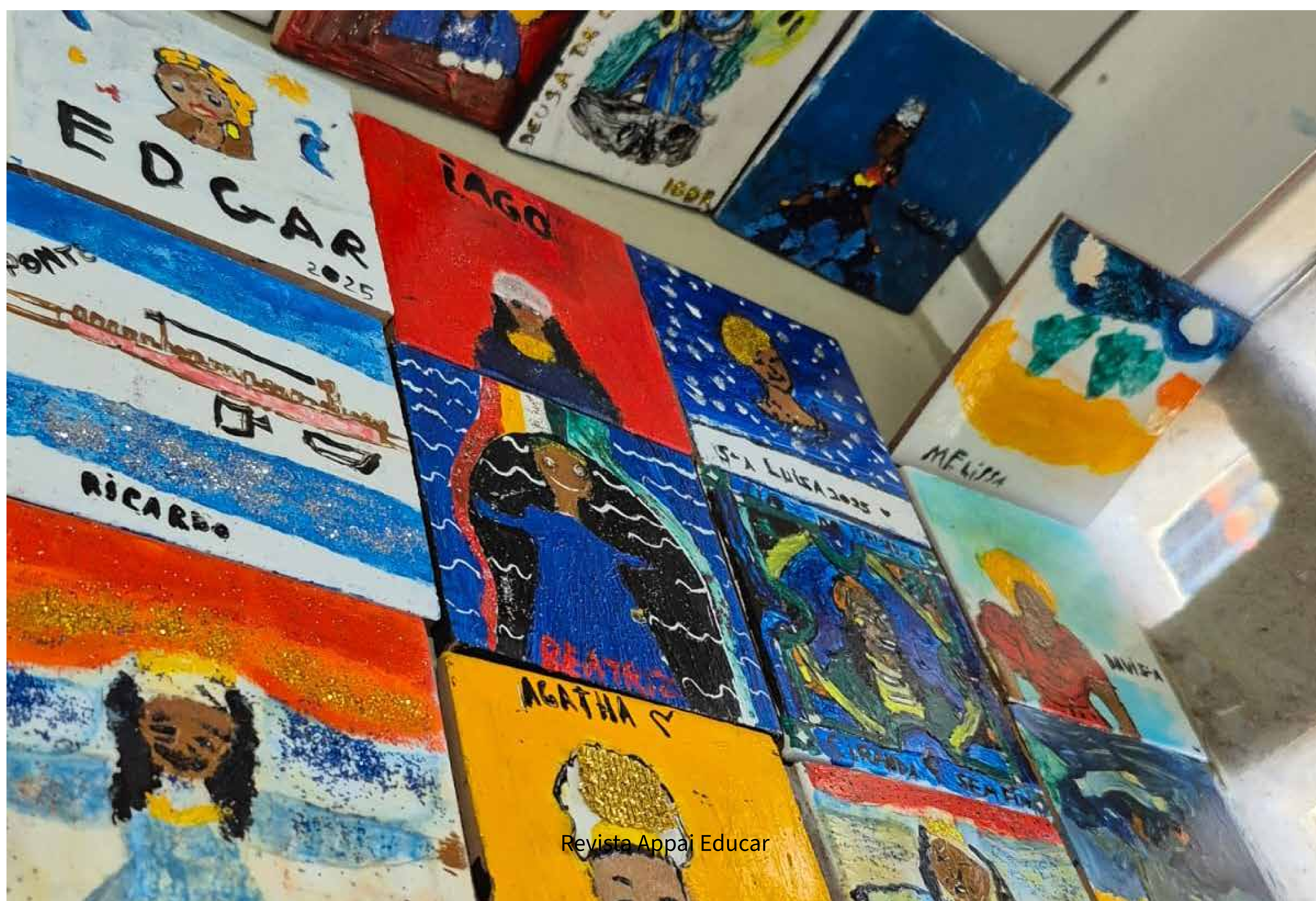
Mais do que estudar uma dança tradicional, os estudantes compreenderam a ciranda como herança de matriz africana, expressão de coletividade e símbolo de resistência cultural. A iniciativa, idealizada pela professora Khelarkiane Correia de Araujo, alia sustentabilidade social e cultural ao cumprimento da Lei 10.639/03, despertando respeito à diversidade, fortalecimento da autoestima e senso de pertencimento.

CIRANDA COMO PATRIMÔNIO CULTURAL IMATERIAL

Ao longo do desenvolvimento, os alunos investigaram a biografia da artista, compreenderam os conceitos de Patrimônio Imaterial e Patrimônio Vivo e identificaram as raízes afro-brasileiras presentes na ciranda. A metáfora da roda foi trabalhada como símbolo de união, inclusão e diversidade, ampliando reflexões sobre identidade social e respeito às diferenças. A proposta envolveu as disciplinas de Artes, Língua Portuguesa, Matemática, Geografia, História e Temas Transversais, reforçando o caráter interdisciplinar do projeto.

PESQUISA, ARTE E VIVÊNCIA NO COTIDIANO ESCOLAR

Entre as atividades realizadas esteve a pesquisa sobre a trajetória de Lia de Itamaracá, o estudo da música “Minha Ciranda”, a análise de entrevistas e reportagens, além do uso de vídeos, produções textuais, narrativas digitais e registros em diário de bordo. Os estudantes também participaram do lançamento do livro “Lia de Itamaracá – O Reinado da Ciranda”, da escritora Odailta Alves, ampliando o contato com produções que celebram a artista.





O trabalho incluiu ainda a localização geográfica da Ilha de Itamaracá no mapa de Pernambuco e do Brasil, a criação de representações cartográficas da ilha com seus principais pontos turísticos e o estudo do modo de vida litorâneo que inspira as canções da Rainha da Ciranda. Instrumentos musicais utilizados na roda foram apresentados e contextualizados a partir de suas origens africanas, reforçando a valorização das matrizes culturais afro-brasileiras.

UMA IMERSÃO NO UNIVERSO DE LIA DE ITAMARACÁ

A culminância foi marcada por uma apresentação imersiva aberta à comunidade escolar. Um vídeo-convite produzido pelos próprios alunos, em formato de reportagem, anunciou a grande exposição. A sala foi organizada em diferentes eixos temáticos que abordaram desde a trajetória de Lia até sua representatividade como mulher negra e embaixadora da cultura popular brasileira. Houve destaque para figurinos e adereços criados

para grandes apresentações, incluindo referências a eventos como o Rock in Rio, além da construção de uma linha do tempo que evidenciou sua resistência frente a preconceitos sociais e culturais.

As produções artísticas incluíram pinturas em miniazulejos inspiradas em capas de discos e reportagens, a recriação simbólica da Praia do Sossego, na Ilha de Itamaracá, e a elaboração de bambolês ondulados que representavam as ondas do mar e a diversidade humana. Em um momento de forte autorreflexão, os alunos trabalharam a identidade negra e a autoimagem a partir do trecho “Quem é essa preta?”, utilizando espelhos e palavras-chave como pertencimento e identidade social. A apresentação culminou na formação de uma grande roda de ciranda, na qual pais, alunos e professores vivenciaram coletivamente a dança e o canto.



AUTOESTIMA, PERTENCIMENTO E VALORIZAÇÃO CULTURAL

Os resultados alcançados evidenciaram a conscientização e valorização cultural, fortalecendo a compreensão da ciranda como herança de matriz africana e ato de resistência, união e expressão identitária. Houve aumento da integração da turma, elevação da autoestima e a desconstrução da ideia de que arte e cultura pertencem apenas ao passado. A expressão popular passou a ser reconhecida como viva, pulsante e digna de respeito.

O impacto foi percebido também nos depoimentos. O aluno Isaac Matheus Moraes do Amaral Nascimento destacou que aprendeu que a ciranda não é apenas uma dança, mas um Patrimônio Cultural Imaterial que precisa ser preservado, ressaltando ainda a união sem preconceitos promovida pela roda. Para a professora Khelarkiane Araujo, a experiência foi transformadora e permitiu tirar a história do livro e colocá-la em movimento, evidenciando o brilho no olhar dos estudantes e sua compreensão enquanto guardiões de uma tradição.

Ao final do processo, os alunos tornaram-se multiplicadores da ciranda dentro e fora da escola, ensinando o ritmo e a dança a amigos e familiares. Mais do que um projeto pedagógico, a iniciativa consolidou a escola como espaço de preservação da memória, valorização da cultura afro-brasileira e formação de cidadãos conscientes de seu papel na continuidade do patrimônio cultural imaterial do Brasil.

Escola Municipal Professor José Soares da Silva

Rua Barão de Botovi, 5.785 – Nova Descoberta – Recife/PE

CEP: 52090-080

E-mail: em.josesoares@educ.rec.br

Direção: Lucicleide Amancio da Silva
Fotos cedidas pela professora Khelarkiane Correia de Araujo

ESCOLA DE SAMBA

O batuque da sustentabilidade que ecoa da Mangueira

COLUNA SOCIOAMBIENTAL • POR LUIZ ANDRÉ FERREIRA*

Nem só de samba e das cores verde e rosa vive a comunidade da Mangueira. Um dos grandes desafios globais de 2026 e que prossegue pelos próximos anos é com relação a oferta, qualidade e tratamento dos resíduos da água. E temos uma iniciativa bem perto de nós e que está servindo de exemplo para o mundo.

Imortalizada na música pelas lendárias letras de Cartola, Mestre Cachaça e tantos outros poetas populares, essa comunidade carioca também se destaca como exemplo para construção de um mundo mais sustentável. A conscientização e mobilização da comunidade são fundamentais para que o “morro” carioca vire exemplo internacional também no engajamento ambiental.

A tecnologia social do projeto *Omiayê*, do Instituto Singular Ideias Inovadoras, já evitou a poluição de até 156 milhões de litros de água e tratou mais de 225 milhões de litros, a partir de soluções de biorremediação, com

sabões, pastilhas e detergentes que integram conhecimento científico e a força de trabalho feminina local para a transformação do meio ambiente.

Em um cenário global marcado pela escassez de recursos hídricos e pelos impactos das mudanças climáticas, iniciativas enraizadas nos territórios demonstram que a transformação também se constrói a partir do cotidiano. Na Mangueira, o enfrentamento de desafios históricos relacionados ao saneamento básico tem gerado resultados mensuráveis, com impacto direto na qualidade da água e na saúde ambiental.

Um único litro de óleo pode contaminar milhares de litros de água, mas, na verde e rosa, esse resíduo torna-se o combustível de uma economia circular. “Na Mangueira, três milhões de litros de esgoto são despejados diariamente sem qualquer tratamento, e o óleo de cozinha descartado nas pias agrava esse cenário de forma silenciosa. Tendo isso em vista, desenvolvemos uma tecnologia social que transforma o próprio resíduo em instrumento de tratamento da água, por meio de bioprodutos que carregam mi-

crorganismos capazes de realizar a biorremediação dos efluentes. Os milhões de litros de água preservados até aqui demonstram que soluções construídas dentro das comunidades, com base científica e protagonismo das pessoas que vivem o problema, podem gerar resultados concretos diante de desafios que historicamente foram negligenciados pelo poder público”, explica Gabriel Pizoeiro, diretor do Instituto Singular.

Ao coletar mais de 6.250 litros de óleo usado, o projeto evitou a poluição de aproximadamente 156 milhões de litros de água, volume que equivale a 62 piscinas olímpicas. O material coletado é processado em uma ecofábrica local, operada por mulheres da comunidade, que, ao transformar o poluente em produtos de limpeza ecológicos, evita que esse impacto se multiplique, protegendo redes de esgoto, rios e o abastecimento urbano.

Um dos processos centrais da iniciativa é a confecção de sabão ecológico a partir do óleo de cozinha reutilizado. Esse produto evita que o resíduo seja descartado na rede de esgoto e contribui para a limpeza, ao atuar na remoção de impurezas sem gerar carga poluente adicional. Produzido pelas próprias moradoras da comunidade, o sabão é distribuído gratuitamente para famílias da Mangueira, ampliando o acesso a itens de higiene e



*Luiz André Ferreira é professor universitário, jornalista, podcaster, Mestre em Bens Culturais e em Projetos Socioambientais.

fortalecendo práticas sustentáveis no dia a dia. Ao mesmo tempo em que limpa e reduz o impacto ambiental, a ecofábrica local gera emprego e renda para mães e moradoras da comunidade.

Outro eixo central é o uso de microrganismos no tratamento de esgoto doméstico, uma solução desenvolvida em parceria com a Universidade Federal Fluminense (UFF), de baixo custo, fácil replicação e que contribui para a redução de odores. Essa abordagem evidencia o potencial das tecnologias de biorremediação como aliadas na ampliação do acesso ao saneamento, especialmente em áreas urbanas densas e historicamente negligenciadas.

Alinhada aos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, a iniciativa dialoga diretamente com o ODS 6, ao promover água limpa e saneamento; com o ODS 3, ao impactar a saúde da população; com o ODS 11, ao fortalecer comunidades sustentáveis; e com o ODS 13, ao contribuir para ações de enfrentamento às mudanças climáticas.

VÍRGULA ANTES DO “QUE”

LÍNGUA PORTUGUESA • POR SANDRO GOMES*



Sabemos que em geral ocorrem muitas dúvidas na hora de colocar ou não a vírgula num determinado texto. Boa parte dessa questão envolve a presença do “que”, que pode desempenhar várias funções num período. Nessa coluna vamos então abordar os principais casos envolvendo o “que” e explicar como se dará o uso da vírgula.

CASOS EM QUE SE DEVE USAR A VÍRGULA ANTES DO “QUE”:

– Quando o “que” é um pronome relativo e inicia uma oração explicativa é necessário usar a vírgula. Veja o exemplo.

*O rapaz, **que achava que sabia de tudo**, ficou sem palavras.*

Nessa oração, o “que” é um pronome relativo (representa um outro termo da oração, no caso “o rapaz”) e introduz uma oração (“*que achava que sabia de tudo*”) que tem a função de oferecer uma explicação. Por isso a vírgula.

– Quando o “que” é uma conjunção consecutiva é preciso usar a vírgula. Acompanhe a seguinte oração.

*Reclamamos tanto, **que acabamos sendo atendidos.***

Como se pode perceber, a oração “*que acabamos sendo atendidos*” é uma consequência da ação anterior (“*Reclamamos tanto*”), por isso o “que” que a introduz é uma conjunção coordenada consecutiva, daí a presença da vírgula.

– Quando atua como uma conjunção causal ou explicativa vai ser precedido da vírgula. Observe.

*Fique alerta, **que pode acontecer algum imprevisto.***

Agora o “que” introduz uma oração (“*pode acontecer algum imprevisto*”) com finalidade de explicar. Atua nesse caso como uma conjunção coordenada explicativa, podendo ser substituída por outras conjunções, como “porque” ou “pois”. Poderíamos escrever, por exemplo, “*Fique alerta, **pois** pode acontecer algum imprevisto.*”

– Quando se pretende isolar um termo numa oração introduzida por “que” também se emprega a vírgula. Veja.

*O orador, **que é o mais influente,** não apareceu.*

Nesse caso, o objetivo da oração que se interpõe no período (“*que é o mais influente*”) é frisar uma característica do sujeito da oração (*o orador*), por isso aparece “isolada”, isto é, intercalada no período. Esse caso pede a vírgula.

NÃO SE DEVE USAR A VÍRGULA ANTES DO “QUE”

Quando o “que” desempenhar a função de um pronome adjetivo, ou seja, introduzir uma oração com valor de adjetivo não cabe a vírgula. Vamos entender.

*O trecho **que antecedeu o discurso** foi suprimido.*

Repare que aqui a oração “*que antecedeu o discurso*” atua como um adjetivo, informando uma característica do sujeito (*O trecho*). Poderíamos até substituí-la por um adjetivo:

*O trecho **antecedente** (que antecedeu) ao discurso foi suprimido.*

Assim, o “que” nesse caso é um pronome adjetivo, caso em que não cabe a vírgula.

Para finalizar esse artigo, vamos deixar claro o que expomos acima apresentando duas vezes uma mesma oração apenas com a diferença no uso das vírgulas.

Os trabalhadores, que compareceram na empresa, receberam.

Os trabalhadores que compareceram na empresa receberam.

Na primeira oração fica claro que os trabalhadores receberam e que ter comparecido na empresa é apenas uma informação secundária. O “que” aí é um pronome relativo que introduz uma oração intercalada.

Já na segunda sentença entende-se que só receberam os que compareceram na empresa. O “que” nesse caso introduz uma oração com valor de adjetivo e é, portanto, uma conjunção integrante.

Como se pode constatar por esses exemplos acima, fica bem clara a importância de entender as funções do “que” e a necessidade ou não de anteceder-lo com vírgula para que se possa produzir períodos que não deixem dúvida, ou seja, cumpram a função de comunicar.

Amigos, sobre essa questão é tudo. Em breve voltamos com outros pontos interessantes da língua portuguesa. Até a próxima, pessoal!



*Sandro Gomes é graduado em Língua Portuguesa, Literaturas brasileira, portuguesa e africana de língua portuguesa, redator e revisor da Revista Appai Educar Digital, escritor e Mestre em Literatura Brasileira pela Uerj.

Professor, agora ficou muito mais fácil publicar seus projetos na Revista Appai Educar Digital!

Esqueça os e-mails: tudo está automatizado!
Basta acessar o link, preencher o formulário e pronto.
Rápido, prático e sem complicações.

[Clique aqui e envie](#)

